

METODOLOGIA ATIVA DE ILHAS E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS E OPORTUNIDADES.

Adenilma Vieira dos Santos¹
Jocélio Pereira dos Anjos Filho²
Laynara Bezerra Nunes³
Matheus Santos do Nascimento⁴
José Vilian Mangueira⁵

RESUMO

Ensinar uma língua estrangeira de forma ativa, levando em conta as características individuais dos alunos em escolas públicas, é uma tarefa desafiadora. Isso se deve ao grande número de alunos e à escassez de recursos, fatores que impactam diretamente a prática pedagógica do professor. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é introduzir uma abordagem que utiliza ilhas de aprendizagem para facilitar a inclusão e o progresso dos alunos no aprendizado da língua inglesa. Essa abordagem é fundamentada nas contribuições do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus III. Entende-se que ter um grande número de alunos nas salas de aula pode ser benéfico para a educação. No entanto, frequentemente, os professores têm dificuldade em atender individualmente a todos os alunos de maneira eficaz. Dessa forma, a participação dos bolsistas do PIBID na sala de aula ajudou os professores a implementar metodologias ativas, reduzindo as lacunas entre alunos e professores para atender às necessidades individuais dos estudantes. Para fins metodológicos, utilizaremos uma pesquisa qualitativa com foco nos resultados derivados da implementação da metodologia da ilha ativa na sala de aula do 1º ano do Ensino Médio da ECIT Monsenhor Emiliano de Cristo, situada no município de Guarabira - PB. Nosso estudo será fundamentado nas contribuições teóricas de Carvalho (2004), Zaluski e Oliveira (2018) e Rossato (2012). A partir da aplicação das ações desenvolvidas no âmbito escolar, foi observado um notável aumento no engajamento dos alunos durante as aulas e maior confiança no uso da língua tanto nos aspectos de fala quanto de leitura e escrita. Portanto, é significativo perceber esta metodologia no ensino da língua inglesa como uma abordagem dinâmica e interativa, visando melhorar a experiência de aprendizagem dos alunos, proporcionando-lhes oportunidades de explorar e praticar a língua de forma personalizada.

Palavras-chave: PIBID, Metodologia ativa, Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Ser professor de língua inglesa no Brasil é um desafio devido às disparidades nos níveis de proficiência dos alunos e às salas de aula superlotadas, que dificultam o ensino eficaz, já que o inglês muitas vezes tem tempo de aula limitado no currículo. Nesse contexto, o Programa de

¹ Professora de inglês da ECIT Monsenhor Emiliano de Cristo - PB, adenilmavieira@gmail.com;

² Graduando pelo Curso de Letras – Inglês da Universidade Estadual - PB, jocelio.filho@aluno.uepb.edu.br;

³ Graduando do Curso de Letras – Inglês da Universidade Estadual - PB, laynara.nunes@aluno.uepb.edu.br;

⁴ Graduando pelo Curso de Letras – Inglês da Universidade Estadual - PB, matheus.santos.nascimento@aluno.uepb.edu.br;

⁵ Professor orientador: Doutor, Universidade Estadual - PB, vilianmangueira@servidor.uepb.edu.br.



Iniciação à Docência (PIBID) teve papel crucial no enfrentamento dessa questão ao disponibilizar quatro professores em sala de aula, facilitando a implementação da metodologia ilha. Com o auxílio dos participantes do programa, todos os alunos foram alcançados, criando um processo de aprendizagem mais inclusivo em relação à língua inglesa para superar os obstáculos encontrados no ambiente de sala de aula.

Dessa forma, ao longo deste estudo, abordaremos as evidências a respeito dos benefícios e desafios da metodologia ilha ativa na promoção da inclusão na sala de aula do 1º ano do ensino médio na ECIT Monsenhor Emiliano de Cristo em Guarabira, PB. Nossa pesquisa está fundamentada nos trabalhos de Carvalho (2004), que discute a educação inclusiva, e nos artigos sobre metodologias ativas de ensino de Zaluski e Oliveira (2018) e Rossato (2012).

Nesse contexto, observamos que a utilização desse recurso proporcionou aumento da participação dos alunos, maior foco e melhor desempenho nas atividades propostas. Isso ocorreu porque enquanto a professora cumpria seu papel de mediadora, os bolsistas do PIBID auxiliavam supervisionando as ilhas, permitindo que os alunos interagissem entre si, cumprindo assim seu papel na metodologia ativa. Como apontam Oliveira e Zaluski (2018), em uma metodologia ativa, o aluno assume protagonismo, tornando-se o centro do processo. Isso permite que a aprendizagem seja conduzida de forma mais participativa, pois a colaboração dos alunos como participantes ativos traz fluidez e essência ao processo educativo em sala de aula.

Por meio dessa metodologia, conseguiu-se a inclusão de um aluno com deficiência auditiva, que, no decorrer das aulas, passou a se comunicar fazendo conexões entre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e o conteúdo da língua inglesa. Adicionalmente, testemunhou-se a evolução e a inclusão dos alunos com maiores dificuldades de aprendizagem, conforme preconizado por Carvalho (2004). A educação inclusiva diz respeito à qualidade da educação oferecida a todos, garantindo a inclusão tanto dos alunos com deficiência como dos excluídos do sistema.

Sendo assim, a metodologia da ilha ativa é defendida como estratégia para o processo de aprendizagem da língua inglesa. Além disso, destaca-se o potencial de implementação desta metodologia em outras disciplinas para fomentar a interação, a autonomia e a inclusão, considerando a singularidade dos alunos.

METODOLOGIA

A implementação do método de ilhas ocorreu na turma do primeiro ano da ECIT Monsenhor Emiliano de Cristo, localizada em Guarabira-PB, no bairro Nordeste. A escola

oferece ensino fundamental e médio com cursos técnicos em Administração, Eletrotécnica e Energias Renováveis. Neste cenário, esta metodologia foi aplicada durante todo o ano letivo de 2023. É importante ressaltar que a escola admite alunos de comunidades economicamente desfavorecidas e áreas rurais da cidade de Guarabira e regiões vizinhas, criando um ambiente diversificado.

Nesse contexto, a experiência em sala de aula ampliou nossas perspectivas sobre o ensino, pois se estende além da sala de aula para incluir o planejamento. Assim, é fundamental ressaltar a sua importância, pois foi um elemento crucial para o desenvolvimento das ações descritas neste relatório. Nesse sentido, nossa equipe realizou sessões semanais de planejamento para estudo da teoria a ser abordada, planejamento de aulas, preparação de materiais didáticos, entre outras tarefas. Sem essas ações não teria sido possível realizar efetivamente o nosso trabalho na escola.

Por isso, optamos por implementar a metodologia de ilhas⁶ para garantir a inclusão de todos os alunos nas atividades, pois o professor supervisor já havia identificado essa necessidade. Muitos alunos estavam tendo dificuldades com o idioma que estavam sendo estudados, resultando em uma disparidade no nível da turma. Outro fator que influenciou nossa decisão foi a presença de uma aluna com deficiência auditiva na turma, o que nos levou a ver essa metodologia como uma forma de incluí-la. Para isso, utilizamos a língua inglesa em associação com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Porém, isso só foi possível porque a professora e uma das estagiárias tinham conhecimentos básicos de LIBRAS, e havia um intérprete.

Continuando nessa linha de pensamento, observamos também o desafio de ter apenas um professor para atender todos os alunos, dificultando o atendimento de suas necessidades individuais. Além disso, discutimos a limitação de ter a matéria ministrada apenas uma vez por semana, dificultando ainda mais o processo de ensino. Dessa forma, foi com estas considerações em mente que decidimos utilizar a metodologia de ilhas para enfrentar estes desafios e proporcionar uma abordagem de ensino mais personalizada.

Nesse cenário, ao iniciarmos a implementação da metodologia de ilhas ativa, ficou evidente que os alunos inicialmente mostraram resistência à presença dos estagiários do PIBID, pois não estavam acostumados a ter mais de um professor em sala de aula. Porém, à medida

⁶ A metodologia ativa de ilhas é um método que consiste em separar os alunos em pequenos grupos na sala de aula, formando uma espécie de ilha; trata-se de é uma estratégia que pode ter melhores resultados quando utilizada com a presença de mais de um professor em sala de aula. No entanto, isso não impossibilita de apenas um professor aplicar essa abordagem em sua prática pedagógica.

que as aulas iniciais avançavam, os alunos passaram a entender que estávamos todos ali para auxiliar o professor e proporcionar uma abordagem de ensino mais personalizada que atendesse aos desejos e dificuldades da turma em relação à língua inglesa. Nesse sentido, por meio dessa experiência, adquirimos conhecimentos práticos da prática educacional que beneficiarão nosso futuro ambiente de trabalho, bem como desenvolvemos competências que antes eram apenas teóricas.

Nessa abordagem, em todas as aulas, organizamos os alunos em pequenos grupos, cada um gerenciado por um residente do PIBID que auxiliava o grupo nas atividades facilitadas pelo professor. Dessa forma, o professor supervisor ministrava o conteúdo temático, sempre utilizando recursos audiovisuais autênticos para aprimorar a compreensão do aluno, permitindo o desenvolvimento das habilidades de *Listening*, *Speaking*, *Reading* e *Writing*. Sendo assim, todas as aulas seguiram a mesma sequência de atividades, incluindo o *warm up*, apresentação do vocabulário necessário para compreensão das atividades seguintes, gênero textual multimodal e exercícios práticos para retenção de conteúdo, *games*, exercícios orais e escritos.

Nesse contexto, foi perceptível que durante as aulas os alunos se sentiram mais confortáveis praticando o *speaking*. Assim, podemos dizer que foi o principal avanço da turma. Isso ocorreu porque havia menos alunos observando o desempenho de cada aluno individualmente. Graças a esse fato, os alunos não tiveram vergonha de falar, pois uma de nossas estratégias foi formar ilhas com alunos que já tivessem afinidade entre si, o que os fez perder o medo de falar.

Neste cenário, o professor responsável pela ilha facilitou o diálogo, ajudando os alunos a se comunicarem criando perguntas e respostas na língua-alvo com base no vocabulário estudado, proporcionando sempre um reforço positivo para o progresso de cada grupo. Essa atividade levaria muito mais tempo se aplicada a toda a turma, dificultando o processo de ensino-aprendizagem, pois há apenas uma aula por semana disponível para a disciplina. Além disso, podem surgir conversas paralelas entre alunos que não interagem com o professor.

Diante do exposto, outro benefício desse método foi observado nas atividades gramaticais. Dado que a gramática é um aspecto mais complexo de compreender, foi mais fácil para o professor identificar os alunos com dificuldades nas ilhas e proporcionar oportunidades personalizadas para as resolver. Muitas vezes, os próprios colegas explicavam a matéria usando uma linguagem com a qual o aluno com dificuldades estava mais familiarizado, facilitando muito o trabalho do professor.

Além disso, é fundamental destacar a evolução da nossa aluna deficiente auditiva que enfrentava dificuldades para acompanhar as aulas, apesar de contar com um intérprete de Libras

para auxiliá-la, pois o intérprete também não tinha conhecimento da língua estrangeira. Portanto, na ilha onde o aluno participou, estiveram presentes tanto o residente quanto o professor, que possuía conhecimentos básicos de Libras, juntamente com o intérprete. Isso fez com que o aluno se sentisse mais motivado e incluído nas atividades propostas.

Nesse caso, uma das estratégias que empregamos foi a utilização de imagens com a palavra inglesa para que a aluna pudesse compreender a palavra escrita de forma associativa, pois não conseguia articulá-la oralmente. Isso permitiu que ela construísse frases simples em inglês. Porém, durante as apresentações orais, permitíamos que ela apresentasse em língua de sinais, e a professora traduzia o que ela escrevia para os demais alunos. Essa habilidade foi consistentemente praticada dessa maneira.

Nesta perspectiva, uma lição particular se destacou para nós. Estávamos ensinando os alunos a falar sobre seu dia a dia em inglês e, ao final das atividades, solicitamos que anotassem suas rotinas para serem expostas em um quadro de avisos para posterior apresentação oral à turma. Nossa aluna com deficiência auditiva pediu para apresentar primeiro, o que nos deixou muito felizes porque mostrou que ela se sentia confiante ao usar a língua estrangeira diante de toda a turma. Assim, fica evidente que esse método funciona e pode realmente aproximar os alunos do idioma que estão estudando. Outro benefício dessa metodologia foi o envolvimento da turma nas atividades, pois eles completaram todas as tarefas de forma consistente e raramente ocorreram conversas paralelas.

Desse modo, nosso projeto teve como objetivo melhorar a eficácia das aulas e aprofundar o domínio da língua inglesa com os alunos, pois cada um deles tem seus estilos e dificuldades de aprendizagem. Conseqüentemente, pode-se afirmar que, à medida que as aulas avançavam, os alunos se familiarizaram mais com o vocabulário da língua inglesa e melhoraram na realização das atividades. O que ajudou os alunos a progredir foi a dinâmica consistente das aulas, com exercícios de revisão ao final de cada aula, incentivando os alunos a prestar atenção, fazer perguntas, além de reforçar e utilizar o vocabulário estudado. Portanto, observamos maior engajamento das aulas, maior concentração dos alunos, maior interesse, melhor desempenho e inclusão de todos os alunos nas aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) ultrapassa a esfera individual do bolsista como futuro professor e se estende à comunidade escolar. Por meio da metodologia ilha, utilizamos um maior número de professores em sala de aula para atender às

necessidades exclusivas dos alunos, atingindo assim o objetivo de maior engajamento em sala de aula e maior absorção do conteúdo pelos alunos.

Neste cenário, este relato demonstra que a implementação da atividade “ilhas” em sala de aula tem produzido resultados positivos. Esta abordagem envolveu com sucesso 100% do corpo discente, uma vez que todos os alunos presentes participaram e demonstraram melhoria nas competências da língua inglesa. Particularmente digno de nota é o progresso alcançado por um aluno com deficiência auditiva matriculado no primeiro ano do ensino médio. Observou-se que ela experimentou um avanço significativo em sua proficiência na língua inglesa através do método da ilha. Ao ler palavras na língua-alvo e relacioná-las com a LIBRAS, ela concluiu com êxito todas as atividades apresentadas. É evidente que tanto este aluno como os restantes alunos envolvidos fazem parte de um grupo que beneficia de um método caracterizado pela sua simplicidade e eficácia, revelando-se altamente relevante e oferecendo uma nova perspectiva de ensino e aprendizagem em sala de aula.

Concluindo, reconhecemos que a metodologia insular provou ser inovadora e eficaz no ensino e aprendizagem da língua inglesa. No entanto, esta experiência evidencia um problema persistente no ensino de inglês em instituições públicas: o baixo número de horas aula contrasta com o elevado número de alunos em sala de aula. Portanto, é importante notar que os professores podem encontrar desafios na implementação desta metodologia devido ao tempo limitado e às salas de aula superlotadas, uma vez que o sucesso da experiência foi facilitado pela presença de vários professores na sala de aula. Consequentemente, foi possível supervisionar todos os grupos (ilhas) simultaneamente, mantendo um ambiente controlado para a fruição da aula.

REFERÊNCIAS

CAVALHEIRO ZALUSKI, Felipe; DORN DE OLIVEIRA, Tarcisio. Metodologias ativas. **CIET:EnPED**, São Carlos, maio 2018. ISSN 2316-8722.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

ROSSATO, Viviane. As diferentes metodologias de ensino da Língua Inglesa em diferentes segmentos de ensino. **Eventos Pedagógicos**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 589–598, 2012.

